

Transcrição da fala da Larissa:

Primeiramente, como eu estava dizendo, é uma honra estar aqui nessa mesa com vocês, com pessoas que podem modificar as coisas, todos nós, na verdade. Eu fui usuária do São Vicente, fui internada de dezembro para janeiro, e sofri muito. Eu tive a experiência do que todo mundo fala, conheci a Raquel, inclusive, mas é exatamente o que as pessoas falam, entende? Posso comentar isso, deputado? Uma das primeiras coisas que me chamaram a atenção foi que eles me amarraram uma vez sem ter necessidade. O enfermeiro estava brigando com uma moça, aí eu tentei. Falar para eles que eles queriam dar sossega-leão para ela. Eu esqueci qual era a composição da injeção da vacina. Isso é meu remédio. Eu fico esquecendo as coisas. E eles me amarraram sem necessidade. Eu só falei para o moço que não dava para ela. Ela não tem necessidade disso. Lá na ala onde estava Raquel, que é o pronto-socorro. Outra coisa também que me chamou a atenção foi que eles me passaram dessa ala onde ficava Raquel para uma ala onde as pessoas eram mais tranquilas. Mas, na verdade, eles não faziam muito bem essa seleção. Eles colocavam todo mundo meninas que estavam mais agressivas com as meninas que também estavam mais tranquilas. Eu mesma já estava mais tranquila. Porque era com esse preceito que eles passavam para essa ala. Só que não ocorria dessa forma. Chegavam meninas que já bateu na outra, aquela coisa que ele terror todo, de ficar gritando. Mas, claro que com muita consideração pelo que elas têm, pela condição. Mas eu fui dormir no primeiro dia lá nessa ala, e aí eu dormi de calça e de blusa, propriamente do hospital. O que me chamou a atenção foi que, no dia seguinte, eu acordei sem calça. E eu tinha sido dopada, eles me deram um xarope, eu não sei o nome, para eu dormir, e aí, no dia seguinte, eu acordei sem calça. E eu não podia falar isso com ninguém, porque qualquer coisa que eu reclamasse, eles levavam para o quadro clínico da psiquiatria. E aí, por exemplo, eu comentei isso com uma colega, ela falou, não fala isso com ninguém, então eu fui silenciada também. Porque eles vão querer te manter mais tempo.

E era dessa forma mesmo que ocorria. Qualquer coisa que você pedisse, por exemplo, um remédio para dor de cabeça, o fato de você transitar na frente perto dos enfermeiros, eles levavam como se fossem ansiedade e anotavam isso, e era mais tempo que se passava lá dentro. Eu fiquei 38 dias, eu estou completamente assim... Até minha feição, como a deputada colocou, como o deputado colocou, é uma situação de morte mesmo. Vai te destruindo, sabe? Eu percebi que quando eu saí da clínica, do hospital, eu estava mais envelhecida, vamos dizer assim, pela tortura, pelo que eu passei lá, e retomando toda coisa que eu pedisse, um remédio para dor de cabeça, um remédio para ansiedade, eles não quiseram dar de forma alguma um remédio para ansiedade, e eu tenho ansiedade. Então foi uma tortura. Nas paredes, você via o arranhado das ex-pacientes na parede. Na porta dos enfermeiros, tinham arranhado, no balcão perto da enfermagem, tinha muitos arranhados. E é do desespero das pessoas que estão ali, porque eles não só descredibilizavam, perdão, eles não levavam em consideração o que eu falava, como eles levavam, como eu falei, tudo para a psiquiatria. Eu comentei na primeira noite que eu fiquei, eu fiquei nesse pronto-socorro, e eles tinham me dado uma injeção, esse HF, não sei qual o nome, esse sossega-leão, e a psiquiatra já foi me atender no dia seguinte, eu estava completamente tonta, e eu comentei só que meu telefone, de uma das coisas que ela perguntou, por que você está aqui e tal, querendo saber um pouco de mim, eu comentei com ela que meu telefone estava com problema de estar mexendo, como de fato está, eu vou até levar a um técnico, e ela usou isso como um combustível para poder me levar para outra ala, para poder ser

diagnóstico. De cada. Assim, tudo eles levavam como se fosse uma coisa psiquiatra. Você não podia pedir um remédio para dor de cabeça. Que aí eles iam e anotavam e aí falavam, vai, tá com ansiedade. Vai ficar mais tempo aqui. Os próprios... Teve uma enfermeira, também não vou ser injusta. Na verdade, três enfermeiras que eram muito boas. Muito gentis. A gente pedia, eu sempre pedia a elas as coisas, exatamente para não ter que levar uma lapada. Porque se eu pedisse para outras, elas ou desconsiderariam, elas ficam na sala dos enfermeiros, aí eles ficam mexendo o telefone, um outro que trabalha realmente. Como eu posso dizer isso? É exatamente isso. Qualquer coisa que eu pudesse pedir, eles não atendiam e achavam ruim, reclamavam. Foi uma situação muito triste que eu vivi.

Faz pouco tempo que eu saí, faz um mês, um mês e meio. A única coisa que foi frutífera lá foi que eu parei de fumar, porque lá não podia fumar, aí eu parei de fumar. Mas, de resto, foi muito complicado, foi uma situação mesmo de tortura. E minha médica não queria me dar de jeito nenhum meu remédio para ansiedade. Então, eu ficava com ansiedade lá dentro, eu até emagreci. Fiquei meio cadavérica, agora que eu estou engordando mais, que eu saí do hospital, porque você fica invisibilizado, você vira desumanizado, vamos dizer assim. Porque eles não levam em consideração o que você fala. Eles até fizeram chacota de mim, os médicos, e eu chorei nesse dia, porque, já dada a situação em que eu estava, eles falaram que muitas das meninas conseguiram uma vaga no Caps. Em outros lugares para fazer o tratamento, continuar o tratamento ambulatorial, e eu até então não tinha. Eu ouvia eles conversando, rindo que eu ia ficar e me comparando com uma moça que estava completamente fora de si. Eles fazem até chacota das situações, os próprios residentes. Outra coisa que me chamou a atenção também foi que a Erika passou lá até essa minha colega de graduação de filosofia e foi a única luz que eu vi ali. Eu comentei com a doutora, que eu não concordava com esse sistema manicomial, porque ela achava ruim de eu perguntar para que eram os remédios. Eu não podia perguntar nada para ela, eu não podia falar nada. E os próprios enfermeiros falavam isso. Quanto menos você falar, Larissa, mas eu sou filósofa. Eu tenho uma crítica que já é inerente a mim, mas de forma geral. Eu acho que é um direito legal a gente saber o que a gente está consumindo. Ela achava ruim, ela colocou até no meu receituário isso, que eu ficava questionando. Mas como é que... perdão, mineira aqui, mas... Por que não? Se é legal, por que eu não posso saber? E ela colocou isso no sentido assim, tipo, mais um... Enfim, as próprias enfermeiras falavam, fica quieta, não fala nada, se você estiver com ansiedade, finge que você não está, para você poder sair daqui, entendeu? O meu próprio psicólogo, que é uma pessoa também da luta de manicomial, ele não está aqui hoje, mas eu agradeço muito a ele, porque ele falou para mim, olha, mente para eles, ele perguntou, você está disposta a mentir para você sair daqui? Aí eu falei, sim, mente para eles, concorda tudo com eles, que você vai sair. Foi dito e feito. Quando eu concordei com ele.

Eles, deu seis dias para eu ir embora, e eles queriam me deixar quando eu questionei com a doutora por que ela estava me deixando tanto tempo, porque mesmo não sendo um pronto-socorro as pessoas lá, eu vi uma média que saíam com muito menos tempo, e eles me deixaram há 38 dias, eu passei o Natal lá, o Ano Novo lá, foi bem complicado, até o doutor Gabriel Thali, que foi meu nutricionista, também é uma ótima pessoa, e voltando ao meu psicólogo que também é da luta, ele falou para mim, então mente que você sai, e foi dito e feito, foi isso mesmo, eles achavam ruim o fato de eu ficar ansiosa e perguntar para os doutores assim, sobre meu caso, sobre o que eles estavam avaliando, como que estava a avaliação, tudo eles se incomodavam, enfim, foi uma situação muito triste, como todo

mundo coloca aqui fora, é verdade mesmo, sabe? Foi uma péssima situação que eu passei na minha vida, foi um trauma, como eu falo com a minha mãe e com meus amigos, minhas amigas, e é isso. Manicômio, nunca mais.